

OS LOCAIS DO OCIDENTE: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

João Daniel Lourenço

Antes de iniciar esta minha intervenção, cumpre dizer algumas palavras: primeiro, dizer que, por motivos pessoais e profissionais, me foi de todo impossível libertar, dos meus múltiplos afazeres, tempo suficiente para me dedicar a uma selecção de materiais, condigna e eficaz, que me permitisse desenvolver, com profundidade, o tema que me foi proposto; segundo, dizer também que, pela mera leitura dos títulos das outras comunicações, não me será difícil adivinhar que, inevitavelmente, irão ser abordados, com a profundidade e a competência de especialistas, os mesmos aspectos que me propus tratar.

Assim sendo, e sem falsas modéstias, procurarei dar uma visão de conjunto da problemática em causa – o Real e o Imaginário do Ocidente Hispânico –, traçando as principais linhas de força do que me parece dever ser tratado a propósito, socorrendo-me, para tal, apenas da minha memória de antigo leitor de geógrafos antigos.

Quando deparei com o título temático deste colóquio – *Occidua Plaga* –, veio-me de imediato à memória a primeira estância de *Os Lusíadas*, do nosso grande épico nacional, e que todos certamente sabemos de cor: "As armas e os barões assinalados / Que, da *Ocidental praia Lusitana*, / Por mares nunca de antes navegados / Passaram ainda além da Taprobana"/, etc.).

Ora, é nítida aqui a imitação da consagrada expressão latina e as suas intenções geográficas e épicas.

O que o Poeta se propõe fazer, logo no início do seu Poema, é celebrar condignamente a gesta de um povo, do seu Povo, que, situado no extremo ocidental da Europa (e por estar situado no extremo ocidental da Europa), ousou, com um tremendo esforço nacional, por um preço altíssimo, incomportável até, não apenas "dilatar" o seu poderio transmarino, mas sobretudo "saciar a fome" de conhecimento e de exotismo da velha Europa.

No caso vertente, a Nau do Poeta rumava para o mítico e rico Oriente.

Menos de quatro séculos volvidos, um outro grande poeta, agora Fernando Pessoa, ele próprio com pretensões a ser um "segundo Camões", na abertura do seu grande poema épico-lírico *Mensagem*, retoma a mesma sugestão geográfica do Ocidente Peninsular com idêntica intenção épica, a de celebrar, agora, uma acção messiânica nacional, projectada do Passado para o Futuro.

"A Europa jaz, posta nos cotovelos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando, / E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos gregos, lembrando. // O cotovelo esquerdo e recuado; / O direito é em ângulo disposto. / Aquele diz Itália onde é pousado; / Este diz Inglaterra onde, afastado, / A mão sustenta, em que se apoia o rosto. // Fita, com olhar esfíngico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado. // O rosto com que fita é Portugal."¹

O tópico geográfico utilizado já não é, como se vê, o da "ocidental praia lusitana", mas sim o da "Espanha, cabeça da Europa toda".

Ora, esta sugestão da "Espanha, cabeça da Europa toda", e sobretudo de Portugal como "seu rosto", já é também um consagrado tópico épico, que, aliás aparece bem explícito na epopéia camoniana, nas altivas palavras proferidas pelo almirante Vasco da Gama ao Rei de Melinde: "Eis aqui se descobre a nobre Espanha, / Como cabeça ali de Europa toda" (III, 17, 1-2) ou "Eis aqui, quase cume da cabeça / Da Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa / E onde Febo repousa no Oceano" (III, 20, 1-4).

Não é, no entanto, de estranhar a apropriação de tais tópicos geográficos por poetas, porquanto convém não esquecer que os textos geográficos, por estarem escritos num nível de língua bastante acessível, eram dos textos mais utilizados no ensino do Latim, como suporte das lições de muitos mestres de latinidade, e, por isso, muito divulgados também entre nós, durante séculos, nos bancos das escolas.

Assim sendo, e devido às características do ensino / aprendizagem nas escolas de então, muitos textos de cunho geográfico, como os do *De situ orbis* de Pompónio Mela, do *De mirabilibus mundi* de Solino, ou mesmo dos livros da *Naturalis Historia* de Plínio ou da *Geographia* de

¹ FERNANDO PESSOA, *Mensagem*, Ed. Ática, Lisboa, 1967, p. 21.

Estrabão, eram sabidos de cor e imitados em diversos contextos não geográficos.

Em qualquer um dos autores que acabei de referir, era dado um relevo muito especial à Hispânia, à qual, pela sua situação geoestratégica privilegiada, cabia a nobre função de, em conjunto com a fronteira Mauritânia, patentear ou policiar o Fretum Gaditanum, então importantíssima e decisiva porta de comunicação entre o *Mare Nostrum* e o *Mare Oceanum*, entre o *Mare Internum* e o *Mare Externum*.

Por outro lado, a posição claramente periférica daquelas duas regiões relativamente à οἰκουμένη e, para mais, a sua localização no extremo ocidental do mundo conhecido facilitavam, sobremaneira, a emergência de inúmeras fábulas, belas e extraordinárias, que facilmente povoavam a imaginação fértil dos poetas e que também os geógrafos acabaram por introduzir nos seus textos.

Por influência dos périplos, também foi prática generalizada entre os geógrafos antigos iniciar-se a descrição das terras que envolviam o Mar Interior precisamente pelo Ocidente, rivalizando a Hispânia e a Mauritânia entre si na honra de "encabeçar" a descrição do périplo do Mediterrâneo.

À Hispânia cabia ainda a honra de, invariavelmente, por ela ser iniciada a descrição do circuito do Mar Exterior, e, neste sentido, e apenas nele, poderia ser verdadeiramente entendida essa região como "cabeça da Europa toda".

Passando, porém, a aspectos que não se prendem já com a real importância geoestratégica ancestral, que a Hispânia vinha detendo desde longa data, mas sim com a sua condição de região periférica de um vastíssimo império, de extraordinária e apetecida riqueza mineira, referirei, de imediato, alguns dos aspectos mais relevantes que os autores antigos, em geral, e os geógrafos, em particular, referem, quando aludem à Hispânia.

Desde os tempos mais remotos que ao Ocidente se associam paragens lendárias, como as Ilhas Afortunadas ou os Jardins das Hespérides, e se associam expedições de heróis míticos, como as de Ulisses ou de Hércules.

Segundo Estrabão (*Geographia*, III, 2, 12), terá sido precisamente aqui, onde "o brilhante facho do Sol" se afunda no Oceano, "silvando o mar, enquanto ele, mergulhando para o fundo, se extingue" (*ibidem*, III, 1, 5), que Homero terá imaginado o Tártaro (*Ilíada*, VIII, 485)².

No entanto, com o ocidente hispânico prendem-se sobretudo, em terra firme, por um lado, as mui decantadas e auríferas areias do Tejo e

² STRABON, *Géographie*, Tome II (Livres III et IV). Texte établi et traduit par François Lasserre. "Les Belles Lettres", Paris, 1966, pp. 25 e 46.

as não menos célebres e fecundas éguas da Lusitânia e, por outro lado, os rudes e anacrônicos Lusitanos, nossos avós.

Começemos pelo primeiro par de aspectos, que ilustra bem, de forma seguramente hiperbólica, a extraordinária riqueza de Olisipo, e de toda a bacia inferior do Tejo, em jazidas de minério precioso e em equídeos.

De entre os diversos autores que trataram o assunto é decerto Solino quem melhor consegue fazer a síntese destes dois aspectos.

Afirma ele, ao aludir à região onde se situa o curso inferior do Tejo (*Collectanea rerum memorabilium*, 23, 6-7), que "aí fica a cidade de Olisipo, fundada por Ulisses; [que] aí corre o rio Tejo, que consideraram superior aos outros rios, devido às suas areias de ouro, [e que,] nas proximidades de Olisipo, as éguas são extraordinariamente fecundas, pois concebem, recebendo o sopro do vento Favónio, e, à falta de machos, unem-se ao sopro da brisa"³.

Aparecem assim irmanados, num mesmo passo, os dois aspectos porventura mais maravilhosos e celebrados de todo o ocidente peninsular.

No que concerne à existência de areias auríferas no rio Tejo, expressão clara de extraordinária riqueza em metais nobres do ocidente peninsular, vão muito mais além do que Solino outros geógrafos antigos.

Pompónio Mela, por exemplo, afirma categoricamente (*De Chorographia*, III, I, 8), a propósito de Olisipo, que o Tejo é "um rio que produz pedras preciosas e ouro"⁴.

A este propósito escreve Estrabão, referindo-se em especial à extraordinária riqueza da Turdetânia, sobretudo em ouro (*Geographia*, III, 2, 8), que nela "os rios e as torrentes carregam uma areia aurífera, que se encontra em muitos locais, e [que], embora não sejam visíveis onde não há água, sob a água corrente as palhetas reluzem"⁵.

Por sua vez, Plínio limita-se a afirmar, muito laconicamente (*Naturalis Historia*, IV, 22, 115), apenas que "o Tejo é célebre pelas suas areias auríferas"⁶.

Mas a Hispânia não é rica apenas em ouro; Pompónio Mela, por exemplo, afirma que ela é rica "em ferro, chumbo, cobre, prata e ouro" (*De Chorographia*, II, 6, 86)⁷.

E, a propósito, Estrabão (*Geographia*, III, 2, 9), citando o testemu-

³ C. Iulii Solini *Collectanea Rerum Memorabilium*. (Th. Mommsen). Weidmann, Berlin, 1958, p. 104.

⁴ POMPONIUS MELA, *Chorographie*. Texte établi, traduit et annoté par A. Silberman. "Les Belles Lettres", Paris, 1988, p. 70.

⁵ *Op. cit.*, p. 40.

⁶ C. Plini *Secundi Naturalis Historiae Libri XXXVII* (Mayhoff). Teubner, Stuttgart, 1967, p. 356.

⁷ *Op. cit.*, p. 57.

nho de Posidónio de Apameia, refere a lenda, segundo a qual a terra da Ibéria, "precioso composto de prata e de ouro, teria sido outrora fundida no abrasamento das florestas e teria ficado incandescente à superfície", acrescentando que "cada montanha, cada colina da Ibéria é, em realidade, por efeito de um destino incomparavelmente pródigo, um amontoado de matérias de que se cunha a moeda"⁸.

Ora, esta enorme riqueza da Hispânia em metais nobres não passa naturalmente despercebida aos Romanos, que, na segunda metade do séc. II a.C., logo após a pacificação da Lusitânia, se apressam a enviar para a Galécia várias legiões que, sob o comando de Décimo Júnio Bruto, e partindo do sul, iriam dominar as rebeldes regiões do noroeste peninsular, ricas em ouro, assegurando assim o domínio de Roma sobre a rota comercial do Atlântico.

Já no que respeita à extraordinária fecundidade das éguas da Lusitânia, a fonte mais importante que possuímos é, sem dúvida, Plínio, o qual refere (*Naturalis Historia*, IV, 22, 116), a propósito de Olisipo, que ela é uma cidade "conhecida pelas suas éguas, que concebem do vento⁹ oeste" e, mais adiante, num outro livro (*ibidem*, VIII, 66, 166), completa o que afirmou anteriormente, dizendo que, "nas proximidades de Olisipo e do Tejo, as éguas se voltam para o lado donde sopra o Favónio, aspirando o seu sopro fecundante, e [que] o potro assim gerado é extremamente rápido mas não ultrapassa os três anos de idade"¹⁰.

Esta lenda das éguas fecundadas pelo vento, sobretudo pelo vento de oeste, já se encontra referida em Homero (*Ilíada*, XVI, 150-151 e XX, 222 e ss.) e aparece posteriormente em outros autores, embora não relacionada necessariamente com a Hispânia.

Desde há muito que os cavalos lusitanos são famosos pela sua extraordinária resistência, destreza, inteligência e docilidade, pelo que foram utilizados, no passado, em cenários bélicos, e aí honrosamente fizeram frente aos ginetes árabes.

Nos nossos dias, o cavalo lusitano continua a ser famoso além-fronteiras, muito contribuindo para tal a acção da coudelaria de Alter na preservação e aperfeiçoamento desta raça de equídeos.

Nada lisonjeira, nem para o Ocidente, nem para a Hispânia, nem para nós, seus mais directos descendentes, é a visão dos Lusitanos que nos foi legada por Estrabão (*Geographia*, III, 3, 6-8)¹¹.

Efectivamente, após ter feito uma descrição da Lusitânia, do ponto de vista físico e económico, o geógrafo cede o lugar ao etnógrafo, pas-

⁸ *Op. cit.*, p. 42.

⁹ *Op. cit.*, p. 356.

¹⁰ *Op. cit.*, p. 135.

¹¹ *Op. cit.*, pp. 56-59.

sando a ocupar-se dos costumes e dos comportamentos das populações que habitam, *grosso modo*, a região compreendida entre o Tejo e o Douro.

É bem notório o olhar crítico e relutante com que este grego romanizado, vivendo em plena *Pax Romana*, descreve os costumes e os comportamentos bárbaros e estranhos de um povo periférico, cujo *habitat* se situa a muitos dias de viagem do centro do Império.

E di-lo bem explicitamente Estrabão, ao afirmar, já no parágrafo final da sua descrição etnográfica dos Lusitanos (*Geographia*, III, 3, 8), que "estes costumes rudes e selvagens não lhes advêm somente da guerra, mas também do seu afastamento", dado que, "tanto por estrada, como por água, a viagem até estas regiões é longa, e a dificuldade das comunicações faz afastar deles toda a sociabilidade e toda a humanidade"¹².

Relembremos, só a título de exemplo, alguns dos aspectos que tanto terão impressionado Estrabão:

a) A habilidade para contornar dificuldades.

São hábeis na emboscada, na investigação, vivos, rápidos a manobrar" (*Geographia*, III, 3, 6)¹³.

b) Os hábitos higiénicos.

"Untam-se com azeite, duas vezes por dia, em locais especiais, e praticam o banho de vapor em estufas de pedras aquecidas ao fogo, mas banham-se em água fria e fazem uma única refeição diária, frugal, que comem muito asseada e simplesmente (*ibidem*)¹⁴.

c) A crueldade para com os vencidos.

"Procedem também a consultas de entranhas humanas, nas pessoas dos seus prisioneiros de guerra: primeiro, cobrem-nos com os saios; depois, com uma pancada certa sobre as vísceras, obtêm um primeiro preságio, pela forma como os corpos caem; em seguida, cortam-lhes a mão direita para a consagrar em oferenda" (*ibidem*)¹⁵.

d) O primitivismo dos costumes dos montanheses.

"Só bebem água e deitam-se mesmo no chão; deixam crescer muito o cabelo, como as mulheres, mas, quando combatem, prendem-no à frente com uma fita; (...) os homens vestem-se todos de negro, na maioria das vezes com saios; envolvem-se neles para dormir, nas suas camas de folhas e de ervas secas" (*Geographia*, III, 3, 7)¹⁶.

¹² *Op. cit.*, p. 59.

¹³ *Op. cit.*, p. 56.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 56.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 57.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 57.

E muitos outros aspectos poderiam ser referidos.

Ora, o curioso é que estes preconceitos periféricos de cariz etnográfico, e não só, perduram em obras de natureza geográfica, muito além da era dos Césares.

Apenas a título de exemplo, referirei que, na edição italiana da *Geografia* de Ptolomeu, saída do prelo dos irmãos Giovanni Battista e Giorgio Galignani (Veneza, 1598), já portanto às portas do século XVII, ainda é possível notar o olhar crítico e preconceituoso, e, por vezes, contundente até, de um insigne matemático do estudo de Bolonha, Giovanni Antonio Magini Padovano.

A propósito da descrição do "reino da Espanha", deixou escrito o ilustre matemático, a páginas 37, entre outras coisas, que os Espanhóis "sabem muito bem dissimular; (...) [que] são brilhantes de engenho mas aprendem pouco; [que,] sendo meio-cultos, pensam logo que são cultos e, com belas palavras, ostentam maior sabedoria do que a que na realidade têm; [que] são sóbrios no viver, não comendo nem bebendo muito; (...) [que,] no combate, toleram incrivelmente a fadiga, a sede e a fome e são habilíssimos nos estratagemas; [que] combatem mais com arte do que com ferocidade e, em campo, usam mais a prudência do que a força; (...) [que] as mulheres nobres nunca saem de casa sem ser acompanhadas por uma multidão de criados que as precedem e de criadas que as seguem"¹⁷.

Foi esta a visão que do Ocidente hispânico, periférico e remoto, tiveram os geógrafos do centro do mundo civilizado, no século de Augusto como nos finais de Quinhentos.

Foi sempre fantasiosa e distorcida a visão que de nós tiveram.

Como fantasiosa e distorcida será ainda a visão que de nós continuam a ter.

Muito obrigado.

¹⁷ "(...) sanno benissimo dissimulare (...), sono felici d'ingegno, ma infelicemente imparano, mezi dotti si pensano già d'essere dotti, e con belle parole additano maggior sapienza di quella, che hanno (...), sono parchi nel viver, non mangiano, ò becono molto, e usano il vino ben adacquato (...); in battaglia tolerano indicibilmente la fatica, la sete, e la fame, e sono cautissimi ne gli strategemi, combattono più con arte, che con ferocità, e in campo, maggior consiglio portano, che forze (...). Le donne (...) nobili non escono mai di casa, se non accompagnate da una caterva di servi, che lor vanno avanti, e di serve, che lor vengono dietro".